

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº633

De 28 de abril
a 11 de maio
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



BOLSONARO: GOVERNO DA FOME E DAS AMEAÇAS GOLPISTAS

Página 3

TIRAR AS 100 MAIORES EMPRESAS DAS MÃOS DOS RICOS E ENTREGÁ-LAS AOS TRABALHADORES E AO POVO POBRE

Emprego, terra e soberania nacional

Páginas 8 e 9



Assembleia de operários da CSN

NACIONAL



Páginas 11

Vera critica Lula/Alckmin e
defende: “trabalhadores e
povo pobre no poder”.

INTERNACIONAL



Páginas 12

Sindicatos enviam comboio à
Ucrânia em apoio à resistência

POLÊMICA



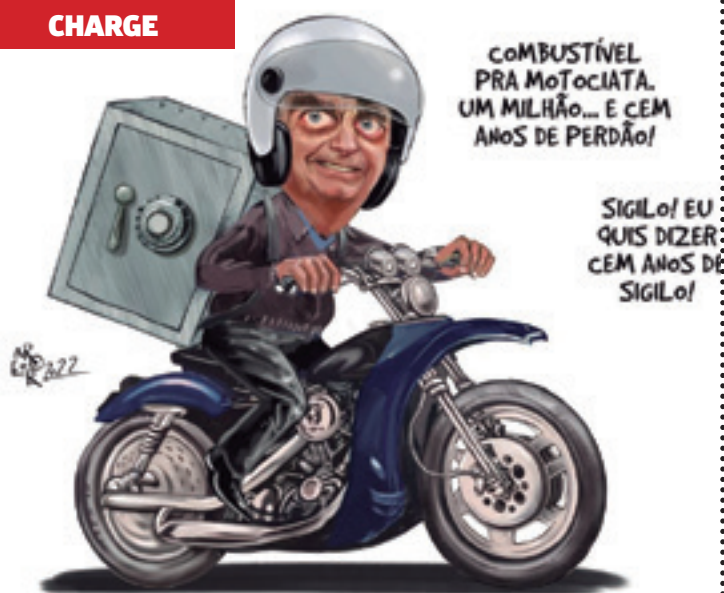
Páginas 11

PSOL aprova federação com Rede e
dá mais um passo rumo à adaptação



PDF INTERATIVO CLIQUE NO QR CODE >  DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

CHARGE



“ Não estragou a Páscoa de ninguém ”



General do Exército Luis Carlos Mattos, presidente do Superior Tribunal Militar, sobre áudios inéditos de sessões do Tribunal em 1977 que mostram que os ministros da Corte sabiam das torturas praticadas pela ditadura.

PROMOÇÃO!
50% DE DESCONTO



sundermann
(11) 98649-5443

ASSIM É O CAPITALISMO

Gasto de Musk com o Twitter acabaria com a fome no mundo por seis vezes

Existem 45 milhões de pessoas no mundo que não têm o que comer. Se antes da pandemia o número chegava a 27 milhões, a situação da fome se agravou ainda mais ao longo dos últimos anos, de acordo com o Programa Mundial de Alimentos da Organização das Nações Unidas. A agência estima que seria necessário gastar US\$ 7 bilhões para reverter a situação. O número é seis vezes menor do que o bilionário Elon Musk gastou para adquirir o Twitter no último dia 25 de abril. Se erradicar a fome não fosse uma preocupação do empresário, era possível comprar 2,1 bilhões



de vacinas da Pfizer contra a covid-19. Caso a aquisição tivesse sido feita no começo da pandemia, seria possível evitar a morte e a internação

de até 700 milhões de pessoas que viviam em países que não tiveram acesso rápido aos imunizantes fabricados durante a pandemia.

ENQUANTO A FOME AVANÇA

Bilionários fazem fila para comprar jatinhos no Brasil

Enquanto você leitor mal consegue pagar os boletos do mês e vê amigos e familiares passando necessidade com o desemprego, carestia e inflação, os bilionários estão tendo dificuldades em encontrar jatinhos disponíveis para compra no Brasil. A demanda por aviões particulares cresceu tanto nos últimos meses que os interessados precisam aguardar em filas de espera que podem durar anos. Segundo empresas do setor, a crise sanitária fez explodir o interesse pela aviação executiva entre os super-ricos, que desejavam seguir com suas rotinas de viagens sem se sub-



meter ao risco de contaminação. O Hondajet, um modelo fabricado pela Honda, custa a bagatela de US\$ 6 milhões (R\$ 27,8 milhões). De acordo com declarações na mídia de Bruna Strambi, diretora da Líder, uma das maiores empresas de aviação executiva do

país, para adquirir um novo, é preciso enfrentar uma longa fila de espera, com entregas a partir de 2025. O valor de um desses jatinhos representa quase 6 milhões de salários mínimos ou o valor do Auxílio Brasil para 15 milhões de pessoas.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Cortar o mal pela raiz

Assistimos nos últimos dias a um aumento das ameaças autoritárias do governo Bolsonaro. O perdão concedido ao deputado de ultradireita Daniel Silveira, condenado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), foi mais que uma sinalização à sua base. Bolsonaro mostrou que não vai se enquadrar e aceitar qualquer decisão que o afronte. E isso pode ser, inclusive, o resultado das eleições, caso perca.

A relativa recuperação nas últimas pesquisas o leva a esticar mais a corda e continuar defendendo abertamente a ditadura. Durante um evento de comemoração do Dia do Exército, afirmou que “as Forças Armadas não dão recados, elas estão presentes e sabem como proceder”, indicando que os militares poderiam muito bem dar um novo golpe, se assim acharem necessário.

O general e ex-ministro da Defesa, indicado para ser candidato a vice, Braga Netto, também fez questão de exaltar o golpe e a ditadura. Bolsonaro, cada vez mais, reafirma que seu projeto de genocídio, desemprego, precarização, fome, devastação ambiental e entrega do país está embrulhado num arranjo autoritário de supressão das liberdades democráticas.

Longe de ser um raio em céu azul, Bolsonaro é expressão de um país em franco processo de decadência, desindustrialização e recolonização imperialista. Totalmente integrado, de forma subordinada, aos interesses imperialistas, o projeto de Bolsonaro e Guedes é o de relocar o Brasil nessa nova configuração da divisão internacional, num degrau abaixo e ainda mais submisso. Dentro disso, um novo grau de superexploração e rapina, com a generalização do trabalho precário, a extinção de direitos, a destruição dos serviços públicos, a privatização e a entrega de tudo.



A maioria da burguesia, se não compartilha de seu projeto político de ditadura, concorda com seu projeto econômico. Evidente que um setor mais atrasado e degenerado está mais fechado com ele. Mas, no frigir dos ovos, não será exatamente um problema para essa gente um novo mandato dele, tirando o fator de instabilidade que Bolsonaro atíça. A declaração de voto de Temer em Bolsonaro mostra isso.

NÃO SE FAZ ISSO MERAMENTE COM VOTO

É urgente derrotar Bolsonaro e seu projeto de fome e ditadura. Mas não se faz isso meramente com voto, nem confiando nas instituições atuais, como STF ou Congresso Nacional, que inclusive já deram várias mostras de que podem capitular. Afinal, quem vai desarmar os milicianos bolsonaristas e segurar militares golpistas?

É preciso ter os trabalhadores organizados e mobilizados contra aventuras golpistas, inclusive com auto-defesa, por um lado. E por

outro, a enorme crise econômica e social, a decadência de longos e longos anos em que o país está metido, e o avanço da barbárie, formam um caldo de cultura que garante a proliferação da ultradireita.

Para acabar de vez com Bolsonaro e impedir outros bolsonaros ou danieis silveiras, os trabalhadores devem se organizar com independência da burguesia, justamente para também acabar com esse sistema capitalista, chefiado por super-ricos, de onde brota essa ultradireita. Por isso, não adianta também apontar como solução uma aliança para governar com a burguesia. Nada derrota mais a direita do que o fortalecimento de uma alternativa revolucionária e socialista para resolver essa crise econômica e social atual.

LULA/ALCKMIN NÃO É SOLUÇÃO

O PSTU sempre defendeu, e continua defendendo, que na mobilização e na ação direta é preciso unificar todos aqueles que são contra o governo, defendem

o “Fora Bolsonaro” e as liberdades democráticas.

Mas, dentro disso, a classe trabalhadora precisa fortalecer suas organização e mobilização de forma independente, até porque não se pode confiar nas instituições dessa democracia burguesa para defender nossas liberdades.

E para governar o país, não é possível fazer alianças com a direita e com a burguesia. Lula e o PT, ao defenderem um governo de unidade nacional com setores do capital financeiro, das multinacionais e do agronegócio, com o representante da ala mais conservadora do PSDB, Geraldo Alckmin, pretendem não ser um projeto de ruptura com a política econômica do atual governo, mas sim governar o capitalismo em crise.

Depois de eleitos, vão inevitavelmente governar para a burguesia e para o imperialismo. Não vão resolver os problemas do povo porque não vão enfrentar os interesses dos bilionários e das grandes empresas que sugam as riquezas do país. Já falam em não revogar a reforma trabalhista, mas sim “aperfeiçoá-la”,

o que, no final das contas, significa mais ataques aos direitos dos trabalhadores.

Isso nem prepara a classe trabalhadora para enfrentar qualquer tentativa golpista, como ainda mantém o terreno fértil que pode fortalecer a própria ultradireita ali adiante.

ALTERNATIVA SOCIALISTA

A pré-candidatura de Vera, apresentada pelo PSTU e pelo Polo Socialista e Revolucionário, cumpre o papel de ser uma alternativa em defesa de uma ruptura não apenas com o governo, mas com o sistema capitalista de exploração e opressão. Porque se o Brasil está doente de Bolsonaro, é por causa do capitalismo que o criou e o alimenta. Por isso, além de derrotar o atual governo, é preciso cortar o mal pela raiz. Fazer isso hoje é avançar na consciência e organização dos trabalhadores, construindo uma alternativa socialista, já que a disjuntiva “socialismo ou barbárie” nunca esteve tão presente quanto na realidade atual.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3LQHA0T](https://bit.ly/3LQHA0T)

**O PEÃO VOLTOU!**

Operários da CSN se levantam contra a superexploração e as injustiças

**RENATA FRANÇA E LÁZARO MENDONÇA DE VOLTA REDONDA (RJ);
IVAN TARGINO DE CONGONHAS (MG)**

Após 34 anos da grande greve que marcou um dos maiores enfrentamentos da classe operária contra a ditadura, os trabalhadores da CSN de Volta Redonda voltaram a se levantar contra a precarização, por reajuste salarial, PLR justa, plano de saúde e fim do banco de horas.

Sob os gritos de “Ôooo, o peão voltou! O peão voltou!”, os operários e operárias cruzaram em marcha a Usina, em 5 de abril, arrasando mais e mais equipes, que espontaneamente foram aderindo à paralisação.

“A gente já estava cansado de ser mal tratado, humilhado. Sem aumento há 3 anos, perdendo tudo; sendo que a CSN é uma

das maiores empresas da América Latina e paga salários piores que as empresas menores. Enquanto a empresa lucrou 3 anos em 1, eu regredi 3 anos em 1. Todo mundo estava saturado já: a gente foi apenas o gatilho”, conta R., trabalhador do setor de andaimes, estopim da paralisação dentro da Usina.

Esse mesmo clima de insatisfação tem sido motor de várias lutas pelo país como o levante dos garis no Rio de Janeiro, a greve nacional do INSS, mobilizações de professores municipais em diversas cidades e a vitoriosa greve dos operários da Avibrás em Jacareí (SP).

A luta na CSN teve início ainda em março quando operários e operárias da CSN Mineração em Congonhas (MG)

**Assamblea na SOM (dentro da Usina)**

cruzaram os braços de forma espontânea na unidade do Pires reivindicando equiparação salarial. No dia 31 de março com iniciativas do Sindicato Metabase Inconfidentes que representa a categoria

na mineração, se somaram os demais trabalhadores da Mina Casa de Pedra, a maior unidade em Congonhas, onde cerca de 7 mil operários pararam quase que completamente as atividades por nove

dias seguidos. A partir desse processo, a luta se espalhou entre os operários do Porto e da Usina Presidente Vargas, onde o movimento resiste contra os ataques e intransigência da CSN.

SEGUIR RESISTINDO ATÉ A VITÓRIA!

Veja como a greve avançou na CSN

Em defesa da equiparação salarial, operários da Minas do Pires paralisam suas atividades. Por iniciativa do Sindicato Metabase, a luta se unifica com a Mina Casa de Pedra, servindo de estopim para a adesão dos operários do Porto e da UPV.

Em Volta Redonda (RJ), a luta explodiu a partir da equipe de andaimes, setor

onde o trabalho é mais pesado e precarizado, mas essencial para o funcionamento de todas as demais equipes. Em Assembleia decidem pela paralisação dentro da Usina.

Centenas de operários e operárias vão até a sede do sindicato e encontraram o portão trancado com cadeado. Capacho da CSN, o

Sindicato Sul Fluminense já teve duas diretorias cassadas, e demonstrou mais uma vez que seu compromisso é com a CSN e não com os operários.

Mas nada disso impediu que seguissem firmes e impedissem a manobra que a empresa e o sindicato pego articularam para desmobilizar. Em assembleia,

por 6042 contra 39 votos os trabalhadores rejeitaram a proposta vergonhosa feita pela CSN.

Derrotada, a CSN atacou covardemente a organização dos trabalhadores, demitindo mais de 100 trabalhadores, entre eles a Comissão de Fábrica e outros lutadores e lutadoras da linha de frente. Em Congonhas, a empresa cortou o ponto dos operários sem qualquer negociação e ainda conseguiu na justiça um interdito proibitório, tentando criminalizar e impedir a ação do Sindicato Metabase.

Mas como diz a frase estampada no Monumento em Homenagem aos operários assassinados na greve de 1988: “Nada, nem a bomba que destruiu este monumento, poderá deter os que lutam pela justiça e liberdade”. E assim, seguiu a luta até a reintegração dos demitidos e o atendimento das

reivindicações.

Enquanto a empresa busca criminalizar e se nega a negociar com o sindicato Metabase, de portas fechadas houve mais uma negociação entre Sindicato dos Metalúrgicos e CSN. A nova proposta de 11% de reajuste é fruto da pressão da mobilização, mas ainda é muito insuficiente. O custo dessa proposta na folha de pagamento da CSN não representa sequer 1% dos seus ganhos e nem se compara aos R\$ 3,3 bilhões distribuídos aos acionistas. Nesta quarta-feira, 27 de abril, ocorreu a votação da nova proposta. Sem reintegração dos demitidos, salário e PLR justas, a categoria disse “não”, derrotando a proposta rebaixada da CSN com 6396 contra 262 votos. Agora a luta segue!

**Ato na Praça Juarez Antunes****LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MYGWOM](https://bit.ly/3MYGWOM)**

CSN

Uma fábrica de injustiças, exploração sem limites e destruição da natureza

Sem reajuste salarial, adoecendo na pandemia, trabalhando em condições de risco, com turnos exaustivos de até 12 horas, o pronunciamento do maior acionista da CSN, Benjamim Steinbruch, foi uma verdadeira provocação aos trabalhadores. Em vídeo dirigido aos acionistas, ele comemorou o lucro recorde da empresa em 80 anos: R\$ 13 bilhões em plena pandemia. “Crescemos 3 anos em 1” festejou Steinbruch!

“O próprio Benjamim falou abertamente que o que dá mais suporte pra produtividade da CSN, pros lucros terem crescido, é a mão de obra barata,



Votação pela paralisação dentro da Usina

quer dizer, pra ele a nossa escravidão é tudo”, explica A., trabalhador da manutenção, demitido arbitrariamente.

Com uma fortuna declarada de R\$ 980 milhões, ele deve se somar em breve a lista dos 55 bilionários no país. Steinbruch é a cara da burguesia brasileira que vive da exploração sem limites, da devastação ambiental e sanguessugas do Estado, aproveitando as isenções fiscais e privatizações.

Em 1993, a CSN foi uma das primeiras estatais privatizadas, durante o governo Itamar. De lá pra cá, a vida dos trabalha-

dores da empresa só piorou. R., trabalhador há 11 anos na CSN, membro da Comissão de Fábrica, nos conta que “todos os benefícios que haviam antes da privatização foram abolidos. Alguns foram incorporados nos salários dos mais antigos, mas os [trabalhadores] que foram entrando depois não tinham esses direitos. Os salários só foram reduzindo. Estamos há 3 anos sem reajuste, o que interfere diretamente no nosso poder de compra”.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MYGWOM](https://bit.ly/3MYGWOM)

SISTEMA CRUEL

No capitalismo o lucro vale mais que a vida e a natureza!

“Cheguei para trabalhar e meu crachá simplesmente estava bloqueado. Sem dar nenhuma satisfação a empresa nos cancelou sem se preocupar se temos família, se temos contas a pagar”, diz E., operária demitida após a mobilização. Ela conta que essa postura da CSN tampouco surpreende. É o mesmo descaso com os recorrentes acidentes de trabalho dentro da usina.

“Muitos perderam dedos, mãos e até a vida dentro da usina. A CSN se esconde, sempre alega que os acidentes [fatais] aconteceram fora da em-

presa, nunca se responsabiliza. O caso mais nítido foi um colega da terceirizada que faleceu num acidente no autotorno, carbonizado. O filho dele teve que fazer tratamento psicológico e a CSN não deu qualquer suporte a família”, explica A.

O CAPITALISMO AMEAÇA A HUMANIDADE

A tragédia das famílias dos operários da CSN não importa aos grandes acionistas, que na sua maioria estão fora do país. Esses parasitas sustentam o capitalismo, um sistema onde a

vida humana pode ser ceifada a serviço da riqueza de poucos.

O modelo extremamente predatório de mineração no país devasta a natureza, desaloja as comunidades e causa verdadeiros crimes como da Vale em Brumadinho e Mariana.

O Brasil, alçado como grande exportador de commodities nos governos petistas, na verdade, nada tem a comemorar os lucros da CSN. Temos sido saqueados brutalmente a serviço dos interesses econômicos dos países ricos. Bolsonaro aprofundou esse trabalho sujo, liberan-



Comissão de fábrica e linha de frente

do a exploração sem limites e dando carta branca para destruição do meio ambiente.

A riqueza aqui produzida precisa estar a serviço das necessidades da nossa classe, do desenvolvimento industrial in-

dependente do país, com emprego, direitos e salários dignos. E para isso, precisamos construir uma sociedade onde o poder esteja nas mãos daqueles que produzem a riqueza, os próprios trabalhadores.

APRENDIZADO

Fomentar a auto-organização, unificar as lutas e construir uma alternativa de classe

Independente do resultado dessa batalha, os trabalhadores já se sentem vitoriosos pelo papel que cumpriram. “Aprendi que o trabalhador de qualquer parte do país, de qualquer empresa, deve lutar pelos seus direitos e ideais, por aquilo que é nosso direito. E em todas as empresas tem que se unir e não ficar de braços cruzados. As empresas tem sua forma de conduzir as coisas e o trabalhador não precisa aceitar calado a essa imposição. O trabalhador tem voz, tem resposta, tem o dever de mostrar pra cada um que nossa luta é possível”, disse S., orgulhoso.

Enfrentando a empresa e o sindicato traidor, a coragem das metalúrgicas e metalúrgicos da CSN deve ser um exemplo. A auto-organização através das assembleias, a constituição da Comissão de Fábrica, com apoio de sindicatos de todo país, da CSP-Conlutas e da Oposição Metalúrgica, mostra a força da classe unida e em ação.

Em Congonhas, o Sindicato Metabase (filial da CSP-Conlutas) defendeu permanente unificar a luta entre todas as unidades da empresa a partir da base, com participação ativa dos operários

nas negociações, com ampla democracia operária e sempre apoiado na mobilização e ação direta da classe, em detrimento dos acordos espúrios firmados de costas para os trabalhadores, como faz o sindicalismo pelego dos traidores.

O PSTU defende a organização independente dos patrões e de todos os governos. É hora de fortalecer na luta um sindicalismo alternativo à conciliação de classe, com independência dos governos e de combate a este sistema de exploração e opressão.

AVIBRAS

Com luta, metalúrgicos cancelam demissões e garantem reintegração de 420 trabalhadores

ANA CRISTINA, DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

“Eu não vou embora”. A frase entoada pelos metalúrgicos (as) da Avibras, em Jacareí (SP), em suas assembleias e mobilizações nas últimas semanas, expressa bem a garra e a determinação que garantiram uma importante vitória aos trabalhadores no último dia 19. Após um mês de uma luta histórica, as 420 demissões realizadas pela empresa foram revertidas e todos serão reintegrados (as).

Conforme acordo negociado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região, filiado à CSP-Conlutas, as demissões foram canceladas e os trabalhadores (as) que haviam sido demitidos irão



imagens de uma greve heroica e do acampamento em frente a empresa.

cumprir layoff, com os contratos suspensos por cinco meses. Todos os funcionários da fábrica terão estabilidade durante esse período. Os que fizerem parte do layoff terão essa garantia até o final do ano.

Além dos 420 demitidos no

dia 18 de março, outros 150 também terão os contratos suspensos. Eles receberão remuneração que vai variar entre 70% e 100% do salário líquido. Os salários atrasados serão regularizados e o acordo prevê ainda reajuste salarial pelo INPC na

data-base da categoria em setembro e a renovação de todos os direitos por dois anos.

Trinta dias antes do término do layoff, Sindicato e empresa voltam a se reunir para avaliar medidas para preservar os empregos.

LUTA HISTÓRICA

Desde o início, os trabalhadores encararam um enorme desafio já que a Avibras anunciou os cortes ao mesmo tempo em que entrou com um pedido de recuperação judicial e, como sempre fazem os empresários, iniciou a choradeira sobre dificuldades financeiras.

Porém, a reação do Sindicato e dos trabalhadores foi imediata: a luta. Já na segunda-feira, 21 de março, os metalúrgicos (as) aprovaram uma greve de

24 horas. Desde então, a luta unificou e foram outras duas paralisações. A última, deflagrada no dia 6 de abril, foi encerrada apenas no dia 19, com a aprovação do acordo.

Houve passeatas em São José dos Campos, Jacareí e até em Brasília. No dia 30 de março, os trabalhadores montaram um acampamento em frente à fábrica e passaram a se revezar em grupos para garantir a continuidade da mobilização. Na Páscoa, um almoço solidário reuniu trabalhadores e familiares em frente à fábrica.

No dia 3 de abril, uma caravana foi à capital federal para cobrar do governo federal um posicionamento em defesa dos empregos, mas Bolsonaro não recebeu os trabalhadores.

Ainda em Brasília, os metalúrgicos foram informados de que o Sindicato havia conseguido na Justiça uma liminar para cancelamento das demissões, o que foi comemorado com grande alegria e emoção. Contudo, a empresa se recusou a cumprir a decisão. A Avibras recorreu ao Tribunal Regional do Trabalho, mas perdeu a ação, e com a fábrica parada há mais de uma semana, foi obrigada a recuar e reintegrar os demitidos.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Kox7rv](https://bit.ly/3Kox7rv)

APRENDIZADO

‘A Avibras achou que ia nos vencer pelo cansaço’

O metalúrgico J. foi um dos demitidos e participou da mobilização em defesa dos empregos desde o início e falou um pouco do que viveu e aprendeu nesses dias.

“No começo, a empresa achou que ia nos vencer pelo cansaço. Na primeira reunião, ofereceu indenização de duas cestas básicas e um

mês de convênio para 420 demitidos”, lembrou.

“Numa situação dessas, a gente abaixa a cabeça e se entrega, ou juntamos as forças, encaramos as dificuldades e vai à luta pelo que é direito. Foi o que fizemos”, disse.

J. disse que “evoluiu como ser humano e também politicamente”.

“Nessa luta deu para sentir a dor do próximo, dos que estavam em situação pior que nós. Precisamos de uma sociedade mais igualitária e fraterna, mas só com luta, podemos garantir nossos direitos”, disse. “Que nossa luta sirva de exemplo para todo o país. Juntos, somos mais fortes”, disse.

SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES

Estatização segue necessária

A Avibras é uma das principais empresas de equipamentos militares no Brasil e, portanto, estratégica para o desenvolvimento tecnológico e para a soberania nacional.

Com base num estudo, o Sindicato verificou que a empresa não está à beira da falência. Ao contrário, com contratos previstos ainda para 2022 e 2023, lucros no último período

e patrimônio robusto, o pedido na Justiça visa apenas garantir uma reestruturação preventiva e redução de custos.

Por isso, desde o início da luta, esteve em pauta outra reivindicação: a estatização da empresa.

“Junto com o Sindicato, os metalúrgicos (as) mostraram que, com união e luta, é possível vencer duras batalhas. O can-

celamento das 420 demissões é uma vitória que tem de ser comemorada por toda a classe trabalhadora, mas seguiremos com nossa reivindicação pela estatização da Avibras, sob controle dos trabalhadores, pois uma empresa estratégica como essa não pode ficar à mercê da ganância do setor privado”, afirmou o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Weller Gonçalves.



imagens de uma greve heroica e do acampamento em frente a empresa.

DITADURA NUNCA MAIS

Gravações mostram que justiça militar sabia das torturas na ditadura



DA REDAÇÃO

Recentemente se tornaram públicos os áudios do Superior Tribunal Militar (STM) revelando que a Corte sabia das torturas realizadas durante a ditadura militar. Ao todo são mais de 10 mil horas de gravações feitas no final dos anos 1970, em que os generais do Tribunal comentam casos como o de uma mulher grávida de três meses que sofreu aborto após ser torturada no DOI-Codi (órgão da repressão) e que sofreu “choques elétricos em seu aparelho genital”. Ou ainda o caso de um homem suspeito de assaltar bancos que acabou confessando o crime

após receber “marteladas”. Enfim, os casos são inúmeros e se constituem em uma contundente prova que vem de dentro das próprias estruturas militares, provando que a tortura era generalizada na ditadura.

Contudo, imediatamente, os defensores da ditadura tentaram desqualificar as gravações. O vice-presidente Hamilton Mourão debochou da possibilidade de investigação dos torturadores. “Os caras já morreram tudo. Vai trazer os caras do túmulo de volta?”, disse. Já o presidente do STM, o general Luís Carlos Gomes Mattos, afirmou que as notícias eram “tendenciosas” e que a divulgação dos áudios “não estragou a Páscoa de ninguém”.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XUA05D](https://bit.ly/3XUA05D)

TORTURADORES SÃO COVARDES

O depoimento de quem foi torturado



Celso Brambilla, preso e torturado pela ditadura

Toda essa corja, assim como Bolsonaro, é defensora da ditadura e dos torturadores. Mas, bem diferente das narrativas bolsonaristas, os torturadores, além de serem evidentemente aberrações humanas, não são valentes soldados que enfrentam os inimigos. Ao contrário, torturaram prisioneiros amarrados que não podem se defender, inclusive crianças. São estupradores de mulheres e homens.

Em 1977, militantes da Liga Operária, corrente política que daria origem ao PSTU, faziam uma panfletagem de um bole-

tim sobre o 1º de Maio. Parados em uma blitz da polícia, acabaram sendo presos e encaminhados ao Departamento de Ordem Política e Social (Dops). Entre eles estavam Celso Brambilla, Márcia Bassetto Paes e José Maria de Almeida, atual presidente nacional do PSTU. Todos foram torturados, principalmente Brambilla, que saiu da prisão com graves sequelas.

“Na madrugada de 26 de abril de 1977 fomos detidos na estação ferroviária de Mauá pela PM. Fomos levados ao Dops e separados. Ao ser levado para a

identificação, fui recebido a socos e pontapés pelo policial. Passada uma hora, fui conduzido ao piso superior e lá encontrei nossos companheiros sentados em bonitas poltronas, e perguntei se estava tudo bem. A resposta foi ‘ok’. Em seguida, surgiu um copeiro e ofereceu cafezinho. E eu pensei, são todos loucos! Passados mais alguns momentos, a porrada começou”, explica Brambilla, que trabalhava numa grande fábrica metalúrgica em São Bernardo do Campo (SP).

Márcia Bassetto narrou em depoimento prestado à Comissão Nacional da Verdade a humilhação covarde pela qual passou. “Uma das coisas mais humilhantes, além dessas de choques na vagina, no ânus, no seio, foi que eu fui colocada em cima de uma mesa e fui obrigada a dançar para alguns policiais, nua. Enquanto isso, eles me davam choque. [...] Celso estava sendo torturado ao lado, também com choque elétrico, me vendo nessa situação.”

As prisões foram o estopim para as primeiras mobilizações

estudantis de rua desde 1969. As mobilizações pela libertação dos presos ganharam dimensão nacional e assumiram o caráter pela libertação de todos os presos políticos do país e pela Anistia.

Brambilla lamenta a impunidade contra os torturadores e criminosos da ditadura. Lembra que nos países vizinhos houve uma maior comoção e mobilizações que levaram muitos ditadores e agentes do regime à cadeia. “Lembro-me do Carlos Brilhante Ustra [torturador aclamado como herói por Bolsonaro] encontrar a atriz Bete Mendes no Uruguai e agir como um burocrata, e que tudo seria coisa do passado. [Mesmo com] a reação de horror dela frente ao asqueroso e repugnante torturador, nada foi adiante. Qualquer cobrança dos militares era considerada ‘revanchismo’. Por isso, creio que aquilo que sempre foi sabido e agora divulgado prova que a ‘Justiça Militar’ era consciente e conivente com a prática de perseguição política e tortura”, destaca.

Até hoje muito do que ocorreu no período de 1964 a 1985

ainda está oculto porque a maior parte dos arquivos da ditadura permanece fechada. Nem mesmo sob os governos Lula e Dilma, que foi torturada pela ditadura, o Brasil passou a limpo essa história. E ao não passar a história a limpo, Bolsonaro, Mourão e seus aliados se sentem à vontade para defender a ditadura e seus crimes. Por isso, a nova geração de ativistas precisa exigir e resgatar a memória e a história dos trabalhadores e de suas organizações na luta contra a ditadura.

Mas não é apenas para lembrar algo de um passado distante. Mas para preservar a memória, restituir a verdade sobre um dos períodos mais sangrentos do país, garantir justiça e reparação e, principalmente, para que nunca mais ocorra. “Os militares atuais, apoiados escandalosamente pelo capital parasita, defendem o passado tenebroso e apagam a verdade. Só uma ação corajosa que enfrente esses negacionistas e denuncie o capital poderá modificar esse quadro”, defende Brambilla.

POR EMPREGO, TERRA E SOBERANIA NACIONAL

Tirar as 100 maiores empresas da trabalhadores e ao povo pobre



DA REDAÇÃO

Se por um lado 2022 vem sendo marcado pela manutenção do desemprego em massa, da carestia e da inflação, por outro temos visto uma onda de lutas.

Se por um lado 2022 vem sendo marcado pela manutenção do desemprego em massa, da carestia e da inflação, por outro temos visto uma onda de lutas.

Mobilizações como a forte luta travada pelos operários da Companhia Siderúrgica Nacio-

nal (CSN) em Congonhas (MG) e Volta Redonda (RJ), que enfrentam salários de fome enquanto a mineradora anuncia lucro recorde. Ou a luta dos operários da Avibras, fábrica de componentes aeronáuticos de Jacareí (SP), que derrotou a tentativa da empresa de mandar para a rua 420 trabalhadores. Os garis no Rio de Janeiro também deram um exemplo de mobilização, assim como os trabalhadores rodoviários da capital carioca e de várias partes do país.

Essas lutas expressam uma indignação crescente diante da superexploração, dos baixos sa-

lários, da precarização, das jornadas extenuantes, da crise social e econômica, do desemprego e do aumento brutal da desigualdade.

O alto desemprego e a precarização do trabalho exercem uma enorme pressão sobre a classe trabalhadora, e são usados pelos grandes empresários como chantagem para impor salários cada vez mais rebaixados. Ao mesmo tempo, um punhado de bilionários faz fila para comprar um jatinho particular. Enquanto famílias buscam comida nos lixos, o Brasil é o segundo país do mundo em número de jati-



Jorge Paulo Lemman, Joseph Safra, Marcel Herrmann Telles, Carlos Alberto Sicupira e Eduardo Saverin têm o equivalente a metade das riquezas da população nacional.

nhos para carregar bilionários (menos de 1% da população), perdendo só para os EUA.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3LQIY9L](https://bit.ly/3LQIY9L)

SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES

Superexploração, fome e miséria sustentam lucros das grandes empresas

Concentração de riqueza nas mãos de poucos: isso é o capitalismo!

O anúncio dos lucros recordes da CSN pelo seu presidente, Benjamin Steinbruch, despertou a indignação dos trabalhadores da mineradora. Pagando um dos piores salários do setor da mineração, a empresa teve um lucro recorde de R\$ 13,2 bilhões em 2021, mas se recusa até mesmo a reajustar o salário de seus trabalhadores pela inflação. O trabalho dos operários é o que faz a riqueza da empresa, mas ela é quase toda distribuída aos seus acionistas.

A mesma coisa ocorre com a Petrobras. O alto preço do combustível e do gás de cozinha, que afeta toda a população, direta ou indiretamente, assim como a exploração de seus trabalhadores,

não se reverte em qualquer benefício para a classe trabalhadora e a população, mas em lucros bilionários para os grandes acionistas. No ano passado foram repassados R\$ 101 bilhões em dividendos, a maior parte para grandes acionistas e investidores estrangeiros.

É assim que funciona o capitalismo. O fruto da riqueza produzida pelo trabalho, e da espoliação do povo, é apropriado por um pequeno número de grandes empresas. Para se ter uma ideia, as vendas dos 200 grandes conglomerados no Brasil chegaram, em 2019, a R\$ 3,9 trilhões, ou 53,7% do PIB. Ou seja, mais da metade de tudo o que é vendido no país está nas mãos de um punhado de grandes empresas.

Estas, por sua vez, são dominadas pelo capital internacional. O maior fundo de investimento do mundo, BlackRock, ligado aos bancos norte-americanos Barclays e Bank of America, é um grande investidor da Petrobras, BR Distribuidora, Vale, Banco do Brasil, JBS, Embraer, Souza Cruz, entre outras. As grandes multinacionais dominam também nada menos que 70% do campo brasileiro.

A concentração das riquezas nas mãos de um pequeno grupo de grandes empresas é o que produz os 315 bilionários do Brasil, incluindo os 77 novos bilionários que entraram nesse seleto grupo em 2020, ano em que viram suas fortunas crescerem na mesma



proporção em que aumentavam a fome e a miséria.

É isso o que explica os baixos salários, a inflação, a carestia, a fome e a miséria num país que figura entre as maiores economias do mundo. O valor de quase tudo o que é produzido vai parar nos bolsos de um pequeno grupo de capitalistas, e principalmente nas

carteiras de grupos de investimentos estrangeiros, que atuam como parasitas sugando as riquezas de praticamente todos os setores.

Não por acaso, enquanto os salários baixam e o desemprego cresce, aumenta também a remessa de lucros para fora do país. Foi R\$ 1,5 trilhão enviado para fora de 2011 a 2020 pelas multinacionais.

ROUBO LEGALIZADO NA FORMA DE LUCRO

Acionistas da CSN Mineração levam tudo

Dividendos distribuídos a acionistas

R\$ 2,3 bilhões

Total de salários pagos aos trabalhadores R\$ 591 milhões

TEMPO DE TRABALHO

Trabalho não pago de um assalariado da CSN



De uma jornada de 8h, 7h30 é de lucro e o restante, salário

Fonte: Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese)

As mãos dos ricos e entregá-las aos

TÁ TUDO DOMINADO

Economia nas mãos de 200 grandes conglomerados

PIB

R\$ 7,4 trilhões

Vendas

R\$ 3,9 trilhões

Capital internacional

61%

Capital nacional

39%

Fonte: Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese), a partir de dados da Revista Exame

FORA!

Derrotar Bolsonaro e seu projeto golpista

A relativa recuperação de Bolsonaro nas pesquisas eleitorais deu força para que ele recrudescesse as ameaças golpistas. Bolsonaro prepara o terreno para contestar um resultado nas urnas que não lhe seja favorável.

É preciso derrotar Bolsonaro e seu projeto de genocídio, fome, desemprego, destruição ambiental e entrega do país. Mas não basta tirá-lo de lá nas eleições, é

necessário também derrotar o sistema que o sustenta. Bolsonaro é expressão do país em franco processo de decadência, no qual ele surge para acelerar a superexploração e a pilhagem, e carregando ainda um projeto autoritário para evitar a reação da classe trabalhadora e dos setores oprimidos.

É necessário derrotar Bolsonaro, mas derrotar também esse sistema.

ADMINISTRAR O CAPITALISMO?

Lula/Alckmin não é a solução

Lula e o PT não têm um projeto alternativo ao capitalismo em crise. Pelo contrário, seu programa se resume a administrar essa crise nos marcos do sistema, e isso significa continuar jogando

seus efeitos sobre as costas dos trabalhadores. Significa continuar governando para as grandes empresas e multinacionais que controlam a maior parte da economia, e lucram superexplorando a

classe trabalhadora e espoliando o povo.

A aliança com Alckmin, expressão da ala mais conservadora e reacionária do PSDB, é a reafirmação desse projeto, apontando para um governo de uni-

dade nacional com a burguesia e o grande capital estrangeiro.

É impossível enfrentar a crise, do ponto de vista da classe trabalhadora e do povo pobre, sem enfrentar as grandes empresas, o imperialismo e os su-

per-ricos. E isso se faz contra eles, não governando com eles. Infelizmente, o PSOL caminha para a completa capitulação a essa frente com a burguesia, definindo o voto em Lula e Alckmin já no primeiro turno.

FALA VERA

Trabalhadores e o povo pobre no poder

Por emprego, salário, terra, defesa do meio ambiente, fim das opressões e soberania

Para mudar de fato este país, enfrentar a crise social e combater o desemprego, a carestia, a fome e a miséria, é necessário impor um projeto da nossa classe que rompa com as grandes empresas, os banqueiros e o imperialismo.

Primeira coisa a ser feita é revogar por completo a reforma trabalhista, revertendo a precarização do emprego e acabando de vez com as terceirizações. Da mesma forma, é preciso revogar a reforma da Previdência que, além de atacar as aposentadorias, prende o trabalhador por mais tempo no mercado.

É necessário reduzir a jornada de trabalho sem reduzir os salários, criando novas vagas de empregos a quem precisa trabalhar. Colocar em marcha um plano de obras públicas ecológicas que, a um só tempo, gere emprego e ata-



que problemas históricos como o déficit de moradias e o saneamento básico. Duplicar o salário mínimo rumo ao salário apontado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

É necessário investir de forma maciça em saúde, educação e demais serviços públicos. Garantir terra a quem precisa, regulamentar as reservas indígenas e qui-

lombolas e acabar com o massacre no campo.

Só é possível avançar nessas medidas atacando os lucros e as propriedades do grande capital. Rompendo com os banqueiros, parando de pagar a mal chamada dívida pública, taxando fortemente as grandes fortunas e propriedades e, sobretudo, tirando o sistema financeiro das mãos dos banqueiros, e as 100 maiores empresas dos grandes

empresários, que controlam a maior parte da economia, colocando-os nas mãos dos trabalhadores.

Temos que reestatizar as empresas que foram vendidas, como a Vale, expressão máxima do grau de decadência e subordinação. Após o crime praticado pela empresa em Brumadinho (MG), em 2019, que tirou a vida de 272 trabalhadores, ninguém foi preso e mais ainda, não houve compensação aos sobreviventes e às famílias das vítimas. Pelo contrário, no ano passado, foram distribuídos mais de R\$ 34 bilhões em dividendos aos grandes acionistas. No capitalismo, o crime não só compensa, como é lucrativo! Só esse crime já justificaria tirar a Vale das mãos desses assassinos e colocá-la para que os trabalhadores a gerenciassem.

Precisamos, enfim, tomar das mãos dos capitalistas as grandes empresas que controlam a maior parte da economia e colocá-las nas mãos dos trabalhadores para que funcionem não para explorar e roubar o povo e o país, mas para atender as necessidades da população.

Para impor um projeto da classe trabalhadora, porém, é preciso mudar a sociedade, construir um governo socialista dos trabalhadores, que efetivamente coloque os trabalhadores e o povo pobre no poder, para que governem através de suas organizações e apoiados na sua mobilização, para garantir pleno emprego, acabar com a desigualdade social e a decadência do país.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3LQIY9L](https://bit.ly/3LQIY9L)

POLÊMICA

O debate sobre a proposta de frente de esquerda socialista



ZÉ MARIA DE ALMEIDA,
PRESIDENTE NACIONAL DO PSTU

Desde um ponto de vista, o acordo do PT e Lula com Alckmin nem constitui tanta novidade, se não esquecermos de José de Alencar e de Michel Temer.

O que aparece como novidade é a localização do PSOL, que migra de malas e bagagens para o projeto petista, apoiando Lula já no primeiro turno.

Nesse cenário, coube ao Polo Socialista e Revolucionário apresentar uma alternativa neste processo eleitoral.

A PROPOSTA DE FRENTE DE ESQUERDA

É nesse contexto que se insere a discussão sobre a proposta de “frente de esquerda socialista”, defendida por setores da esquerda do PSOL e pelos que reivindicam a experiência da FIT-U Argentina. Com variações, defendem uma frente que reúna PSTU, PSOL, PCB e UP. Alguns, frente com a esquerda do PSOL.

Todos que acompanham a trajetória do PSTU sabem que estamos sempre na linha de frente da defesa da unidade de ação e da frente única quando se trata da luta.

No entanto, no terreno das eleições, a tarefa mais importante é apresentar um programa socialista para o país e um caminho para a sua realização.

NEM SEMPRE SOMAR ACRESCENTA – A ESQUERDA E O ELEITORALISMO

A maior parte da esquerda brasileira, no entanto, não trabalha com esse critério. Rendeu-se ao eleitoralismo que levou o PT aonde ele está hoje. Falo aqui também do PSOL. O apoio a Lula e à federação com a Rede não deixam margem a dúvidas.

Não há sentido na proposta de uma frente de esquer-

da com esse partido, pois ele não está a favor de defender uma saída socialista e uma perspectiva revolucionária. Não agregaria forças a essa proposta, mas a enfraqueceria. A defesa desse programa e dessa perspectiva terá de ser feita contra o PSOL e a alternativa Lula/Alckmin que ele defende.

O POLO

Dessa nossa opinião não se deve concluir que não valorizamos militantes do PSOL, PT, PCdoB... que honestamente defendem o fim do capitalismo e uma saída socialista. Pelo contrário, valorizamos muito, e por isso apresentamos a proposta do Polo.

Neste processo eleitoral, o Polo é a possibilidade concreta de um acordo eleitoral que possa unir quem defende uma alternativa de independência de classe e socialista. Obviamente, essa unidade não depende só do PSTU, que colocará todas as suas forças aí.

Depende também do que fará a esquerda do PSOL. Vai fazer a campanha da conciliação de classes definida pelo PSOL ou se somará ao Polo para defender a independência de classe e uma alternativa socialista? O que farão os e as ativistas e dirigentes que se identificam como parte da esquerda socialista do PSOL frente a esse dilema?

Queremos todos e todas na campanha do Polo, junto conosco.

A FRENTE DE ESQUERDA COMO ESTRATÉGIA

Há setores que defendem uma frente da esquerda socialista permanente. Aparentam essa política como uma forma de romper o isolamento relativo da esquerda socialista na sociedade.

Entendemos quem honestamente acredita que

Venha construir o Polo socialista revolucionário!



“ Nestas eleições, o Polo é a possibilidade concreta de um acordo eleitoral que possa unir quem defende uma alternativa de independência de classe e socialista. ”

somando organizações de esquerda numa frente permanente para disputar eleições estaríamos fortalecendo o socialismo. Mas não é assim. Essa ideia esteve na base da conformação do PSOL, e o resultado é o que estamos vendo agora.

Trata-se de um raciocínio simples. Ele estaria correto se o objetivo central fosse disputar eleições, ou seja, uma estratégia eleitoralista. No entanto, se é através de uma revolução que a classe trabalhadora chegará ao poder, essa estratégia não serve.

Uma revolução vitoriosa depende, por um lado, da ação de massas, da insurreição da nossa classe e do povo pobre contra a ordem capitalista. E, por outro, de haver uma direção política

preparada e determinada para elevar a luta até o fim. A insurreição sem organização revolucionária, sem um polo consciente, não tem como se transformar em revolução socialista vitoriosa.

A construção dessa ferramenta depende de um trabalho árduo para ganhar a vanguarda da classe para o marxismo, um programa socialista, e para construir uma organização capaz de ser a direção política necessária para a revolução. Uma organização leninista, voltada em primeiro lugar para a educação e a luta da classe trabalhadora e a organização da sua vanguarda para lutar pelo poder de nossa classe.

Uma “frente” pode parecer um “atalho”, mas a soma de um partido eleitoralista com um revolucionário não puxa o

partido eleitoralista para a esquerda. Pelo contrário, destrói o partido revolucionário. O próprio PSOL é exemplo do resultado de unir revolucionários e reformistas num mesmo partido. Da mesma forma, se queremos um projeto onde sejam os trabalhadores que, através de suas organizações, governem apoiados na democracia operária, não há como fazê-lo junto com organizações estalinistas.

O PSTU comete erros e é justo que nos critiquem por eles. Mas às vezes somos criticados por qualidades. A defesa de uma estratégia revolucionária e da construção de um partido leninista não é sectarismo. É uma necessidade da nossa classe, que precisa de uma organização dessa natureza para realizar sua tarefa histórica.

Não que o PSTU já seja esse partido. Mas os militantes que reunimos - como parte de uma internacional revolucionária, a LIT - são o principal ponto de apoio para essa construção em nosso país.

Leia o texto completo em nosso portal

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3KFTMRO](https://bit.ly/3KFTMRO)



POLÊMICA

A federação do PSOL com a Rede não é uma ‘manobra tática’

JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO

O PSOL vem mudando, e rapidamente. Agora foi aprovada a federação com um partido burguês, a Rede Sustentabilidade. Um fato importante não apenas pela federação em si, mas com quem escolheu fazer e pelo seu profundo significado.

O QUE É A REDE?

A Rede é um partido burguês, dos ricos, com nenhum vínculo com os trabalhadores, nem na sua composição, nem na sua direção e muito menos no seu programa. Em 2014 apoiou Aécio Neves no segundo turno. Em 2016 votou pelo impeachment, empossando Temer. Foi criado e financiado pelos bilionários da família Setubal, do Itaú, e seu suposto ambientalismo não passa de propaganda de capitalismo verde com financiamento da Natura. Sua principal representante, Marina Silva, adotou posições conservadoras como condenar o direitos das mulheres ao aborto.

PARA QUE SERVE E O QUE SIGNIFICA FAZER UMA FEDERAÇÃO?

O Congresso Nacional instituiu várias medidas antidemocráticas, como aumento da cláusula de barreira, com perda do tempo de TV e acesso ao fundos par-



Marina Silva (Rede) e Guilherme Boulos (PSOL)

tidários e eleitorais. Diante disso, foi aprovada a federação partidária como forma de unir partidos por quatro anos com acordos programáticos para ajudar a superar a cláusula de barreira. Importante notar que diferentemente da coligação, a federação permanece e tem uma série de exigências como atuação conjunta.

NADA VAI MUDAR PARA O PSOL?

A federação pressupõe afinidade ideológica e um programa conjunto. Setores do PSOL, como o MES, afirmam se tratar de uma manobra tática que não tem implicações para o progra-

ma do PSOL ou sua atuação. Inclusive, dizem que sua independência seria garantida pela maioria do PSOL nos organismos de direção da federação. Mas não só terão implicações como já estão tendo. Segundo o próprio site do PSOL, a federação cria a “possibilidade de ampliar bancadas progressistas em todo o Brasil”. Então quer dizer que a eleição de um deputado do partido financiado pelo Itaú é progressiva para os trabalhadores?

Além disso, afirma que o programa da federação “mostra os pontos de convergência entre o ecosocialismo e o socialismo ra-

dicalmente democrático defendidos pelo PSOL e o sustentabilismo progressista encampado pela Rede Sustentabilidade”. Afirmar isso em seu site já não é a defesa de um programa comum entre o PSOL e o programa de capitalismo verde da Rede?

QUAL O CARÁTER DA FEDERAÇÃO PSOL E REDE?

Aqui não queremos entrar no mérito do programa do próprio PSOL, que apresenta limites e lacunas importantes, apresentando no máximo um socialismo difuso. Mas supondo que o programa do PSOL seja de fato socialista, é possível conciliar isso com o “sustentabilismo progressis-

ta” da Rede, que nada mais é do que a defesa do capitalismo verde?

É impossível ter um programa em que os interesses dos trabalhadores e os interesses da burguesia se combinem, já que esses interesses são antagônicos na realidade. Um programa conjunto entre socialistas e capitalistas é sempre um programa capitalista.

O que define um programa socialista é a defesa da expropriação dos grandes grupos capitalistas, minando a economia de mercado e construindo uma planificação econômica em base à instituição do poder dos trabalhadores. Sem essas medidas não se pode falar de programa socialista.

Poderiam nos contrapor que sequer o PSOL defende isso. Tudo bem. Mas o problema é que nem o programa democrático radical ou o “socialismo apenas em palavras” do PSOL está expresso no programa com a Rede. Por exemplo, nem mesmo qualquer referência aos direitos dos trabalhadores, uma questão mínima, está presente no programa conjunto com a Rede.

O programa da federação PSOL e Rede não é junção de nada, é um programa capitalista, democrático, burguês. O programa aceitável para o Itaú e para todos os grandes grupos capitalistas.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3KESPDP](https://bit.ly/3KESPDP)

ADAPTAÇÃO

A luta pela plena legalidade e direitos democráticos para os partidos de esquerda

O PSTU luta contra a nova legislação eleitoral que, longe de combater as legendas de aluguel, atacou e retirou direitos democráticos dos partidos de esquerda chamados de ideológicos, colocando-os

em uma semilegalidade. Ao mesmo tempo que concentrou os recursos eleitorais e centralizou o tempo de TV para os grandes partidos dos ricos. Lutaremos para garantir nossos direitos democráti-

cos. Não se trata aqui de menosprezar isso.

Mas o PSOL erra ao colocar seu programa, sua localização e sua composição social em xeque em nome dessa luta. Não adianta garantir a

superação do coeficiente eleitoral, da cláusula de barreira, se isso significar a construção de um programa conjunto com um partido dos ricos que ameaça a própria existência do PSOL. No final vão

lutar pela legalidade do partido, mas qual partido? Pois não é qualquer erro, trata-se da possibilidade de mudança do caráter de classe do PSOL, mais um passo na adaptação à ordem capitalista.

INDIVÍDUO E CLASSE

O mito liberal: os indivíduos isolados

GUSTAVO MACHADO,
DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

Uma característica que distingue a sociedade capitalista das últimas décadas é o individualismo extremo das concepções dominantes. Tudo se resume aos indivíduos e suas escolhas subjetivas. Na esfera privada, todo sucesso e todo fracasso é atribuído ao mérito individual. Na esfera pública, todo fracasso – já que aí jamais temos um verdadeiro sucesso – é novamente atribuído aos indivíduos: aos corruptos e os ladrões. Mas não somente.

Mesmo nos grupos e organizações que correntemente se insurgem contra a situação dominante, impediram saídas meramente individuais. As lutas contras as opressões convertem-se em empoderamento individual. As mudanças na sociedade convertem-se em escolher os indivíduos certos para legislar e exercer o poder. Em todos os casos, o que temos são indivíduos do bem, de um lado, e in-

divíduos do mal, do outro. Na esfera privada, o indivíduo é senhor de si. Na esfera pública basta escolher os indivíduos corretos.

Esse modo de conceber as coisas, como veremos, não é de hoje. Sua origem coincide com a origem do próprio capitalismo. Suas bases são objetivas. Nesse artigo, veremos como a noção de sociedade baseada exclusivamente nos indivíduos e nas ações individuais se consolidou no liberalismo. No artigo seguinte, veremos como ela se desenvolveu até o pós-modernismo.

O MITO FUNDADOR DO LIBERALISMO: ROBSON CRUSOE

A ideia do indivíduo onipotente e isolado, tão forte nos dias de hoje, é bem antiga. Surge com o desenvolvimento do próprio capitalismo. O principal marco literário do capitalismo foi o romance Robinson Crusoe. Seu autor

foi empresário fracassado: Daniel Defoe. Membro da classe média puritana inglesa, Defoe se refugiou no jornalismo e na literatura após a falência de suas empresas no comércio de meias e na fabricação de tijolos, chegando a ser preso por dívidas. Ao fim, logrou algum êxito com a publicação do livro que se tornou a parábola e mito fundador do capitalismo.

Nesse livro, o herói que dá título ao livro, Robison Crusoe, sobrevive isolado por décadas em uma ilha tropical depois de um naufrágio. Com suas habilidades e inventividade, Crusoe cria uma sociedade feita por ele mesmo. O romance converte-se na bíblia da burguesia: indivíduos isolados, que não dependem de ninguém, triunfando por seus próprios méritos. Ainda hoje, o nome dá título a uma revista liberal brasileira recente. Crusoe converteu-se no herói predileto da burguesia de todas as épocas e, ironicamente, o livro propriamente dito tornou-se um suces-

so de literatura infantil.

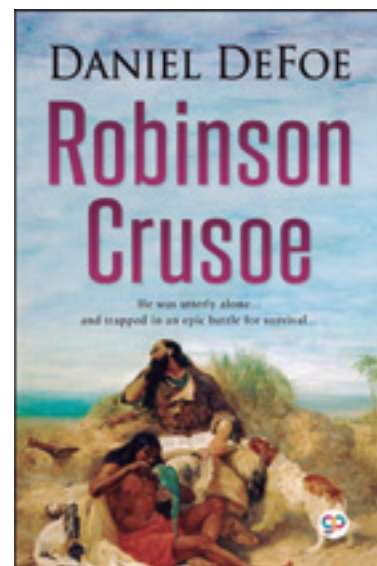
Cabe perguntar: se o indivíduo é tudo, onde fica a sociedade? O que a regula? O que garante a liberdade e o triunfo dos indivíduos isolados como Crusoe? É aí que entra a principal característica ideológica do liberalismo.

DO DEUS DOS MILAGRES AO DEUS DA RAZÃO

O liberalismo se desenvolveu em luta contra a aristocracia feudal que, a cada passo, perdia seu poder econômico e, depois, o poder político. Por um lado, os produtores-camponeses eram expropriados da terra a que estavam ligados por gerações, tornando-se livres como um pássaro para ... vender a sua força de trabalho. Por outro lado, surgia uma burguesia endinheirada. A aristocracia originada da Europa feudal dependia da propriedade de suas terras e da presença de uma massa de camponeses nela em relação de servidão ou semi servidão. Uma sociedade hierárquica e relativamente fechada. Apenas o excedente era comercializado.

A burguesia, ao contrário, necessitava colocar seus recursos em movimento como capital. Contratar e demitir trabalhadores, trabalhadores esses que, no fim das contas, comprariam as próprias mercadorias produzidas por meio do mercado. Para tal, os produtores deveriam ser liberados de sua relação fixa com a terra. Somente então, seria possível fazer circular todos os produtos como mercadorias. Quebrar as relações fixas de trabalho, produção e consumo.

Tudo que era fixo e imóvel necessitava se dissolver. Era preciso justificar ideologicamente estas pretensões. A onipotência do indivíduo era, então, justificada com a ideia de que o funcionamento interno da sociedade já estava pronto e acabado desde sempre. A sociedade era feita em base a uma lógica feita por Deus



quando da criação do mundo: uma ordem natural.

A economia política seria a ciência que traduz a ordem natural que preside a produção e distribuição da riqueza entre os homens. Suas descobertas seriam tão universais como as leis da física. Deus havia inscrito no mundo uma lógica geral que tudo preside de forma equilibrada e harmônica. Caberia aos homens não violá-la, prescrevendo assim uma ação em conformidade com as leis gerais da sociedade. Surgem um direito e uma economia supostamente naturais, isto é, dadas desde de sempre.

O direito natural fez de cada indivíduo uma pessoa livre, proprietária, compradora e vendedora de mercadorias. A economia natural ou o mercado foi feita de modo a alocar automaticamente – sem intervenção consciente de ninguém – todos os recursos da melhor forma possível, conduzindo ao progresso e ao enriquecimento. Assim como o físico descobre as leis da natureza sem ser capaz de alterá-las, cabe ao economista descobrir as leis do mercado e do capitalismo. Cabe a ele examinar os fenômenos do mundo e encontrar os conceitos que lhe permitem, em seguida, tudo avaliar, julgar e administrar. Se opor a esta ordem natural é contrariar a ordem natural do mundo e ao próprio Deus. É a razão de toda pobreza e de todas as crises.



Daniel Defoe o autor de Robinson Crusoe

O Deus moderno do protestantismo é, portanto, completamente diferente do Deus medieval do catolicismo. O Deus medieval é concreto e interveem diretamente no mundo. O Deus dos milagres. O Deus moderno dotou o universo e a sociedade humana de uma racionalidade própria, de uma razão suficiente. Deus torna-se uma espécie de legislador do mundo. Ele criou o melhor mundo possível, com uma racionalidade impressa em seus caracteres. Os indivíduos não precisavam se preocupar com a forma de organização da sociedade e seu funcionamento porque quem a criou foi Deus. Ela independe de nós. Agora, é cada um por si e Deus por todos.

DO INDIVÍDUO À CLASSE

O indivíduo liberal, como todas as concepções burguesas, não paira nas nuvens. Apenas foi possível elaborar essa concepção porque o capitalismo de fato apaga todas relações sociais da percepção dos indivíduos e os faz autônomos e isolados nas relações formais de compra e venda no mercado. O caráter social da relação entre os indivíduos se dá por meio do dinheiro e do capital, por isso está sempre apagado de sua percepção imediata. Tomemos alguns exemplos.

Uma crise econômica não se manifesta para os capitalistas na forma de fome, miséria e pobreza.



Ela se manifesta na forma de prejuízo para suas empresas ou, então, de lucros mais reduzidos. Tudo medido em dinheiro. Tais prejuízos nada dizem sobre o que está acontecendo na sociedade inteira. Ele não será capaz de intervir diretamente na sociedade, mas apenas em sua empresa, reduzindo a produção e demitindo trabalhadores.

Da mesma forma, o trabalhador desempregado não vê que a sociedade capitalista em seu conjunto não é capaz de empregar a todos. Ele vê unicamente que está desempregado enquanto um outro trabalhador está trabalhando. O problema, portanto, deve ser ele mesmo, já que ele é “livre” para procurar emprego como qualquer outro.

O trabalhador emprega-

do, por seu turno, vê que seu salário é corroído pela inflação. Mas o que é a inflação? O que ela expressa socialmente? Vai saber. A alta geral dos preços não mostra que o que ocorre é que menos mercadorias estão sendo destinadas ao consumo da classe trabalhadora e mais e mais capital está migrando para fora do país ou para títulos da dívida pública, no lugar de serem empregados produtivamente. Aparentemente, a inflação não tem nada que ver com as mercadorias produzidas na sociedade inteira. Elas estão lá na prateleira. O trabalhador apenas não tem dinheiro para comprá-la.

De fato, o capitalismo funciona por meio de uma lógica impessoal que se desenvolve as costas dos in-

divíduos, sejam trabalhadores ou capitalistas. Essa é a base das teorias que se apoiam em uma ordem natural e em leis universais e eternas. O indivíduo acredita ser onipotente porque não pode perceber diretamente os obstáculos sociais que o limitam. O desemprego, a inflação ou o lucro parecem ser um problema individual. A minha empresa, o meu emprego, o meu salário.

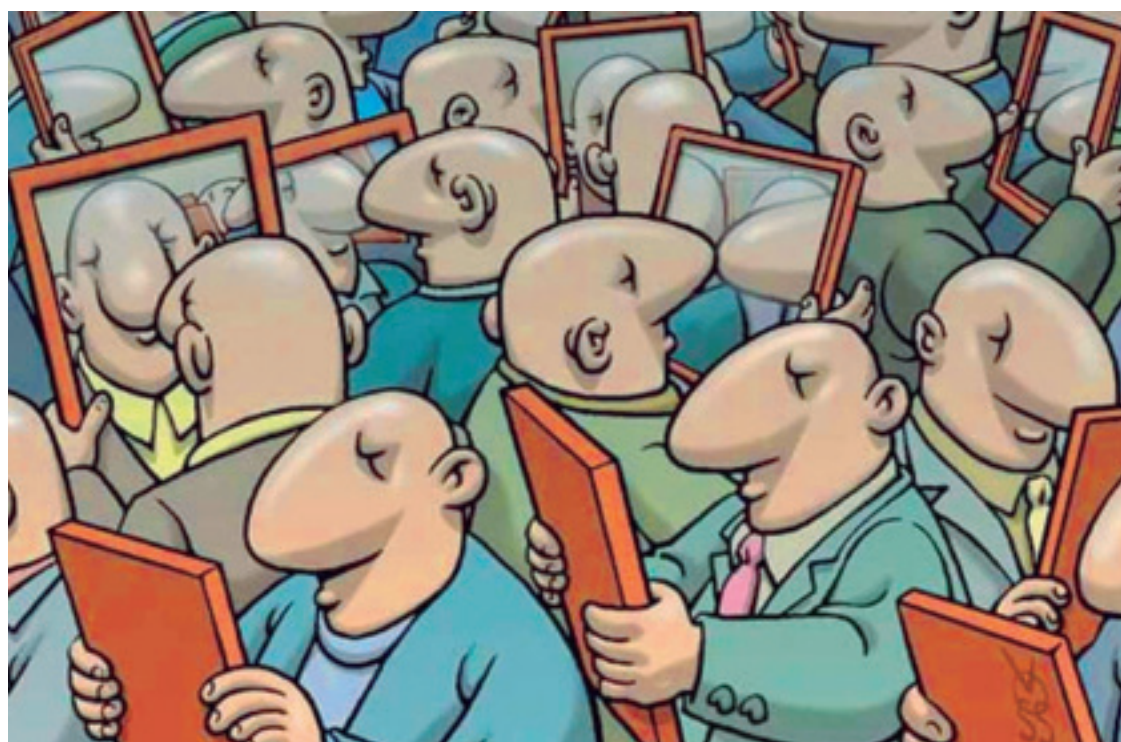
Caso nossa situação se limitasse as ações individuais, estaríamos eternamente presos nessa lógica que nos controla como escravos. Que nos faz mero ator de um enredo escrito nas estrelas. Individualmente, de fato, não podemos fazer absolutamente nada, a não ser tentar salvar a nossa própria pele. Apesar disso, como esta lógica a todo instante vira suas setas contra a massa de trabalhadores, para sobreviver eles devem a todo momento se unificar e lutar para garantir sua sobrevivência. Não por sua livre escolha, mas porque não tem outra escolha.

As classes sociais – no presente caso, capitalistas e trabalhadores assalariados – não se encontram enquanto classe para trocar individualmente suas mercadorias. O trabalhador vende sua força de trabalho e compra mercadorias para sua sobrevivência enquanto mero indivíduo abstrato no mercado. Ele atua enquanto classe para decidir

mediante a força a fatia da riqueza que lhes é reservada no período seguinte e, no limite, a forma futura de organização da sociedade. O socialismo é possível porque o capitalismo produz não apenas a ilusão de uma ordem natural baseada nas ações individuais de compra e venda, mas também a necessidade de que esses indivíduos se organizem e lutem enquanto classe para sobreviver. Os dois aspectos estão presentes ao mesmo tempo. Por isso, a saída não é automática.

O mesmo trabalhador que ainda ontem lutava de forma abnegada em uma greve: enquanto classe; nos meses seguintes estará, como indivíduo, alegre e satisfeito com um aumento salarial ou, até mesmo, com a multa que recebe de um acordo de demissão.

As ilusões das teorias burguesas se baseiam nas ilusões reais produzidas pelo modo de produção capitalista. Os marxistas apenas poderão conduzir os trabalhadores a levarem suas reivindicações e lutas até o fim – convertendo-os em sujeitos do processo – compreendendo a fundo a lógica objetiva do capital que os ilude e sendo um agente consciente em uma batalha encarniçada que leve em conta, a cada passo, tanto a finalidade de destruição desta sociedade como as condições que impedem a massa dos trabalhadores de tirarem autonomamente essas conclusões.



GUERRA DA UCRÂNIA

Dois meses de resistência do povo ucraniano ao carniceiro Putin

A guerra na Ucrânia já completou mais de dois meses. E se não sabemos como serão os seus próximos desdobramentos, sabemos, entretanto, que as coisas não aconteceram segundo as expectativas de Putin e sua camarilha de oligarcas.

A resistência feroz do povo ucraniano na defesa de sua independência nacional impossibilitou que Putin pudesse conquistar as principais cidades do país e obrigou as tropas russas a baterem em retirada, concentrando-se na região do Donbass, leste ucraniano.

O recuo das tropas russas foi uma derrota relativa de Putin, mas que não deixou de cometer atos de barbárie e atrocidades, como as execuções de civis e valas comuns em Bucha, a completa destruição de Mariupol e o bombardeio da estação de trens de Kramatorsk, onde se aglomeravam centenas de pessoas que tentavam fugir da guerra.

Putin se retiraria da periferia de Kiev e Karkov, mas mantém o bombardeio sobre as duas cidades e se desloca em uma “segunda fase” da guerra na chamada “liberação” do Donbass. Para essa “segunda fase”, os reveses da Rússia fizeram com que Putin nomeasse Aleksandr Dvornikov, o “carniceiro da Síria”, como o novo comandante das forças russas na Ucrânia.

A luta no Leste será brutal e prolongada. Os soldados ucranianos contam com mais experiência e seu moral é alto. Mas carecem de armas pesadas e tecnologicamente avançadas. Tampouco contam com caças de combate para disputar o controle do espaço aéreo com os russos. Apesar de sua retórica “solidária” com a Ucrânia, nem a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) nem nenhum governo entregaram as armas necessárias para melhorar a defesa do país e muito menos para reverter o curso da guerra.

Putin ameaça estender a guerra até a Moldávia, a partir de enclave militar na Transnistria, região separatista pró-Rússia. Também faz reiteradas ameaças de uso de armas nucleares na guerra e pode utilizar armas químicas, tal com já fez na Síria para socorrer o ditador Bashar al-Assad. A batalha pelo Donbass é decisiva e recrudescerá o horror da guerra. Uma vitória contundente da Rússia pode reavivar seus planos de tomar a Ucrânia inteira. Um atolamento ou uma derrota dos invasores abrirá outra dinâmica no conflito.

O povo ucraniano demonstrou ao mundo sua heroica resistência ao se defender da agressão de uma das maiores potências militares do mundo. Por isso, não tem razões para confiar sua sorte ao governo burguês e fantoche do imperialismo dos EUA e da União Europeia (UE) que Zelenski preside. Cedo ou tarde, o governo dos oligarcas sabota-



rá a resistência popular e capitulará diante de Putin, provavelmente cedendo território ucraniano.

Também não deve acreditar na hipocrisia do imperialismo que, apesar das declarações, não enviou os armamentos necessários ao país e

tem o interesse de submeter a Ucrânia a planos de reconstrução econômica. A exigência a todos os governos, imperialistas ou não, de envio incondicional de armas pesadas à Ucrânia continua sendo uma tarefa inevitável e decisiva neste momento.

SOLIDARIEDADE DE CLASSE

Comboio operário da Rede Sindical Internacional vai à Ucrânia

Entre abril e maio, o comboio operário da Rede Sindical Internacional de Solida-

riedade e Lutas para a Ucrânia fortalecerá a resistência de classe no país contra a

invasão russa. A iniciativa, apoiada pelas entidades que fazem parte da Rede, como a CSP-Conlutas, tem como objetivo levar apoio à resistência ucraniana, às trabalhadoras e aos trabalhadores que enfrentam a dura ofensiva militar de Putin.

O comboio está em contato com militantes sindicalistas ucranianos e de países próximos, muito foi tratado sobre as dificuldades de logística para levar o apoio neste período duro de enfrentamento ao exército russo. A central sindical francesa Solidaires, cofundadora da Rede, financiará a logística de donativos, que serão comprados

de acordo com a orientação da necessidade da classe operária ucraniana.

Lamentavelmente, um amplo setor da chamada esquerda apoia Putin (como o stalinismo e os defensores das ditaduras de Cuba e Venezuela). Outros ainda mantêm-se equidistantes, propondo consignas pacifistas, como o ardiloso “não à guer-

ra”, uma generalidade que iguala agressores e agredidos, e o rechaço à exigência de armas para que a Ucrânia possa se defender.

Fazemos um chamado para que a bandeira do apoio à resistência ucraniana seja levantada nos atos e marchas no próximo 1º. de Maio, Dia Internacional da Classe Trabalhadora.



BAIXE AQUI



**Não perca
a nova edição da
Correio Internacional!**

FOI BONITA A FESTA PÁ!

48 anos da Revolução dos Cravos

No dia 25 de abril de 1974 ruía a ditadura mais antiga do continente europeu. Uma rebelião militar dirigida pela oficialidade média das Forças Armadas colocou abaixo o regime salazarista e abriu as ruas para que as massas populares pudessem saudar a queda da ditadura. Na história ficou conhecida como a Revolução dos Cravos.

Em 1974, Portugal ainda vivia uma ditadura que já durava mais de 40 anos. Ainda era um país imperialista, com um império colonial na África, mas era o elo mais fraco da cadeia imperialista, pois sua economia era atrasada em relação à Europa e aos demais imperialismos. No final da década de 1960 e começo de 1970, as

guerras pela independência nessas colônias desgastaram o país, especial, a juventude, obrigada servir por quatro anos em Angola, Moçambique, Guiné Bissau e Cabo Verde.

Assim, o estopim da revolução se originou da crise nas próprias fileiras das forças armadas, da oficialidade e das tropas portuguesas sacudidas pelo desgaste da ocupação colonial e pela resistência dos povos africanos numa guerra colonial que já se prolongava por mais de uma década. O exército português se dividiu, inclusive na sua cúpula, e foi incapaz de manter a exploração colonial tal como estava. Nesse momento, surge na oficialidade média o Movimento das Forças Armadas (MFA).

Dessa efervescência, explodiu o 25 de Abril: uma rebelião de tropas em Lisboa, refletindo o mal-estar e o ódio à ditadura, que tinha à cabeça Marcelo Caetano, após morte de Salazar. Esse levante militar rapidamente derrubou o governo e abriu as comportas para que as massas populares entrassem em cena, saudando a queda da ditadura. A população dirigiu-se aos soldados para oferecer-lhes cravos e ao mesmo tempo partiu para cima das velhas instituições e dos seus agentes, da PIDE, a temida polícia política da ditadura, dos autocratas odiados e dos seus sustentáculos econômicos, a burguesia portuguesa.

No Brasil, onde vigorava uma sanguinária ditadu-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3RSRWCL](https://bit.ly/3RSRWCL)

ra, Chico Buarque foi um dos cronistas sonoros da Revolução dos Cravos. Com a canção

“Tanto Mar” pediu a Portugal para mandar “cheiro de alecrim” para o Brasil.

GARIMPEIROS

Barbárie contra yanomamis



Uma menina ianomâmi de 12 anos morreu após ter sido vítima de estupro em uma comunidade indígena em Roraima, segundo informação divulgada pelo Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami.

Em publicação na internet, o presidente da organização, Júnior Hekurari Yanomami, declarou que obteve a informação do caso por meio de indígenas da comunidade de Aracaçá, que reúne aproximadamente 30 membros na região de Waikás, frequentemente atacada por criminosos.

De acordo com o líder, pelo menos 25 garimpeiros invadiram a comunidade. Durante a ação, uma tia protegia a meni-

na de 12 anos. Porém, os garimpeiros as teriam levado a uma embarcação em direção a uma barraca, onde o estupro teria ocorrido. O ataque resultou no desaparecimento de uma criança de três anos, filha da mulher, que teria caído em um rio.

Os yanomamis estão cercados por milhares de garimpeiros que contaminam suas águas, derrubam suas florestas e cometem atrocidades. As investidas da garimpagem são financiadas por grupos do crime organizado e contam com o tácito apoio do governo Bolsonaro que não perde uma oportunidade para defender mineração em Terras Indígenas.

BRAVO!

Ferrovíarios bielorrussos sabotaram Rússia em ataque à Ucrânia

Quando as tropas russas cruzaram pela primeira vez a fronteira da bielorrussa para a Ucrânia para o que eles supunham ser um ataque relâmpago a Kiev, eles pretendiam contar com a extensa rede ferroviária da região para suprimentos e reforços. Mas os russos não levaram em conta os trabalhadores ferroviários da Bielorrússia.

Começando nos primeiros dias da invasão em fevereiro, uma rede clandestina de trabalhadores ferroviários, hackers e forças de segurança dissidentes

entrou em ação para desativar ou interromper as ligações ferroviárias que ligam a Rússia à Ucrânia através da Bielorrússia, causando estragos nas linhas de abastecimento russas. Por dias a fio, o movimento dos trens foi paralisado, forçando os russos a tentar reabastecer suas tropas por estradas e contribuindo para o emaranhado que paralisou o infame comboio militar que se dirigia ao norte de Kiev.

A feroz resistência ucraniana e os erros táticos de uma força russa mal preparada provavel-

mente frustraram os planos da Rússia, dizem analistas. Mas os sabotadores ferroviários da Bielorrússia podem pelo menos reivindicar um papel no abastecimento do caos logístico que rapidamente envolveu os russos, deixando as tropas presas nas linhas de frente sem comida, combustível e munição poucos dias após a invasão. Alexander Kamyshin, chefe das ferrovias ucranianas, expressou a gratidão da Ucrânia aos sabotadores bielorrussos. “Eles são pessoas corajosas e honestas que nos ajudaram”, disse ele.



1º DE MAIO SEM A BURGUESIA

Vamos às ruas em atos classistas e internacionalistas

Fora Bolsonaro e Mourão, já! Por empregos, salários e direitos!
 Todo apoio à resistência na Ucrânia!



DA REDAÇÃO

O 1º de maio é, historicamente, uma data para celebrar a luta da classe trabalhadora. Teve como marco uma grande manifestação realizada em 1886 em Chicago, nos EUA, pela redução da jornada de trabalho para 8h. A brutal repressão policial deixou vários mortos, cujo número nunca foi devidamente apurado.

Em 1890, a II Internacional Socialista aprovou, a partir de uma resolução da Federação Americana do Trabalho, a data como Dia Internacional do Proletariado, em homenagem aos mártires de Chicago e como forma de impulsionar internacionalmente a luta da classe.

Numa conjuntura de crise e decadência do sistema capitalista, aprofundados pela pandemia que atingiu, sobre-



tudo, a classe trabalhadora e, dentro dela, os setores mais oprimidos como as mulheres, os negros, LGBTIs, imigrantes, etc., torna-se mais necessário que nunca retomar o espírito de Chicago. Desemprego

em massa, precarização, inflação e fome são flagelos que atingem a classe em todo o mundo. Por outro lado, a desigualdade cresce de forma brutal. Em 2021, em plena pandemia, o mundo viu

aparecer 26 novos bilionários por hora, enquanto a renda de 99% da população caiu, segundo a OXFAM. Só a riqueza acumulada por Jeff Bezos daria para ter vacinado todos os 8 bilhões de seres humanos.

A crise, a desigualdade e o avanço da barbárie, que se expressam tanto na pandemia quanto na devastação ambiental, assim como na invasão russa à Ucrânia, mostram a necessidade de se fortalecer a luta independente da classe trabalhadora e o classismo. Ou seja, a ideia de que a classe só vai resolver seus problemas, melhorar suas condições de vida e acabar com toda a exploração e a opressão, através de suas próprias forças. Não ao lado da burguesia e por dentro do capitalismo, mas contra a elite e o sistema.

É necessário apontar a ação independente dos trabalhadores e a ruptura com este sistema capitalista de exploração e a necessidade do socialismo.

BARBÁRIE CAPITALISTA AVANÇA NO BRASIL

No Brasil, onde vivemos um franco processo de decadência e recolonização pelo imperialismo, a crise aparece de forma ainda mais explícita. O governo Bolsonaro, expressão desse processo, mandou para a morte centenas de milhares de pessoas durante a pandemia. Mais de 660 mil em números subnotificados. Sua política econômica, por outro lado, tem o objetivo de impor um novo patamar de superexploração, com desemprego em massa, precarização e destruição de direitos. O resultado é fome e miséria.

Tudo isso vem ainda recoberto por um projeto golpista de ditadura. Bolsonaro quer destruir o que resta de direitos, aniquilar os povos originários e o meio ambiente em favor das grandes mineradoras e o agro-negócio, e ainda impedir qualquer tipo de resistência.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3RSRWCL](https://bit.ly/3RSRWCL)

1º DE MAIO NÃO É DIA DE ABRAÇAR PRESIDENTE DA CÂMARA ARTHUR LIRA

CUT e Força Sindical convidam aliado de Bolsonaro

É urgente impulsionar a luta para a derrubada deste governo, já. E lutar pela unificação das mobilizações que ocorrem pelo país como resposta à carestia. O 1º de maio é um momento importante para isso. As maiores centrais sindicais, como CUT e Força Sindical, porém, convocaram atos-shows para fazer campanha eleitoral em favor da frente amplíssima de Lula e Alckmin, como é o caso do ato nacional chamado para São Paulo. Neste ato, não só convidaram representantes da burguesia, como chegaram a chamar os pre-

sidentes da Câmara e do Senado, Arthur Lira (PP-AL) e Rodrigo Pacheco (PSD-MG), aliados de Bolsonaro. Um verdadeiro desserviço que joga contra a necessidade dos trabalhadores.

POR ATOS CLASSISTAS E INTERNACIONALISTAS

A CSP-Conlutas fez um chamado para a realização de atos classistas e internacionalistas pelo país, sem a burguesia ou seus representantes. Se nas manifestações pelo Fora Bolsonaro é preciso aglutinar todos os setores que se colocam contra este

governo genocida e em defesa das liberdades democráticas, no 1º de maio, marco histórico do classismo, é um verdadeiro tiro no pé promover atos eleitorais com representantes da direita e, mais do que isso, com nomes do governo de ultradireita.

Neste 1 de maio, vamos às ruas com a classe trabalhadora, a juventude, o movimento popular e os setores oprimidos, por emprego, direitos e aumento geral dos salários! Pela redução dos preços dos alimentos, combustíveis e o gás de cozinha! Por reforma agrária e despejo zero! Por



Arthur Lira, bandido do centrão foi convidado para o 1º de maio da CUT.

reforma agrária e demarcação das terras indígenas e quilombolas! E em apoio à

heroica resistência do povo ucraniano: Fora as tropas de Putin e pelo fim da OTAN!